

Meme, Imagem e repetição: uma discussão acerca de alguns modelos para o estudo da *mimese* em imagens¹

Tasso Gasparini de SOUZA²
Fábio Gomes Goveia³
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

O presente artigo explora alguns conceitos e ideias utilizados por diferentes teóricos para discutir a questão de repetições e semelhanças em imagens ao longo do tempo. Do Atlas Mnemosyne de Aby Warburg, aos memes de internet da atualidade, passando por Walter Benjamin e pela Arqueologia de Mídia, distintos conceitos foram propostos, afim de lidar com a questão de ideias que se propagam através de imagens e obras de arte.

Palavras-chave: meme; cibercultura; memética; warburg; imagem.

Introdução: o conceito de Meme, da biologia à Cibercultura

Nos últimos anos, graças ao advento das tecnologias comunicacionais (COUCHOT, 2003) e ao advento dos sites de redes sociais, configurou-se um contexto em que grandes quantidades de informação são compartilhadas a todo instante, enquanto há uma exposição e acesso cada vez maior a diversos tipos de mídias. As tecnologias que permitem a criação e a publicação de conteúdos tem se tornado cada vez mais acessíveis ao público em geral, como celulares, câmeras, tablets e computadores. O desenvolvimento de tecnologias mais baratas nos últimos anos permitiu sua aquisição por um número crescente de indivíduos. E assim, cada vez mais o usuário comum da internet ganha um papel de protagonismo enquanto criador de conteúdo na rede. De acordo com a pesquisa Data Never Sleeps 3.0, divulgada pela empresa de consultoria Domo, somente no Twitter, foram publicadas uma média de 347.222 postagens por minuto no ano de 2015. Nesse contexto, tem se popularizado o uso e compartilhamento de imagens “memes”.

O conceito de meme foi cunhado pelo pesquisador Richard Dawkins em seu livro “O Gene Egoísta”, lançado originalmente em 1976. No livro, o biólogo tenta discutir a difusão e evolução cultural, por um viés sócio-biológico. Assim, ele traça um paralelo entre a transmissão de valores culturais e a genética. Para Dawkins (1976) os genes possuem o

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Multimídia, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo e pesquisador no Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), email: tassogasparini@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo e coordenador do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), email: fabiogv@gmail.com

papel de entidades replicadoras, transmitindo as características genéticas entre os indivíduos. Em analogia com os genes, ele propõe o meme como uma unidade de transmissão cultural. O termo tem origem na palavra grega “mimeme”, que significa imitação. Para que o termo carregasse uma semelhança fonética com a palavra “gene”, o autor o abreviou para “meme”. Segundo Dawkins, adepto de uma perspectiva darwinista, os memes estariam sujeitos a um processo de evolução e transmissão similar ao da seleção natural, e se replicariam por meio da imitação.

“Tal como os genes se propagam no *pool* gênico saltando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, os memes também se propagam no *pool* de memes saltando de cérebro para cérebro através de um processo que, num sentido amplo, pode ser chamado de imitação” (DAWKINS, 2007, p. 330).

Dawkins ainda elenca três características gerais dos memes para que possuam maiores chances de se replicar e assim “sobreviver”: longevidade, fecundidade e fidelidade da cópia. A longevidade seria o tempo de duração do meme, e que também influenciaria no tempo que ele possui disponível para se reproduzir; a fecundidade diz respeito a velocidade com que o meme se replica; e por fim, a fidelidade da cópia, isto é, as características essenciais que o meme reproduz a cada replicação. Na perspectiva do autor, a longevidade e a fidelidade da cópia não seriam características tão fortes nos memes. Enquanto a longevidade de uma cópia particular é pouco importante (desde que seja tempo suficiente para a sua transmissão), a fidelidade da cópia não é determinante, visto que cada vez que uma ideia é transmitida, ela provavelmente é modificada em algum grau. Assim, a transmissão de um meme está relacionada também a um processo de mutação e mistura contínuos.

Ainda segundo Dawkins, os memes são elementos que estariam competindo entre si, pois sua sobrevivência só seria possível à custa da aniquilação de outros memes. Eles disputam a atenção e a dedicação das pessoas e da mídia, que são limitadas. A replicação mêmica seria quase autônoma e cega, isto é, o principal objetivo de um meme é se replicar. Apesar de ser Dawkins quem propõe inicialmente o conceito de meme, o campo da memética foi posteriormente destrinchado e explorado por pesquisadores de diversas áreas. Uma pesquisadora que trabalhou os memes, dando ênfase no aspecto de replicação e autonomia, mas ainda sob o aspecto da sócio-biologia, foi a psicóloga Susan Blackmore, em seu livro “The Meme Machine” (2000).

Em seu livro, Blackmore define memes como “uma ideia, comportamento, estilo ou uso que se espalha de pessoa para pessoa dentro de uma cultura” (BLACKMORE, 2000, p.65). A autora parte de uma perspectiva mais submissa dos seres humanos em relação aos memes: as pessoas seriam “máquinas meméticas”, que teriam a função de hospedar e propagar os memes. Essa perspectiva, orientada para o meme, é criticada por alguns pesquisadores, por minimizar o papel de ação dos indivíduos e tratar o estudo do comportamento e cultura humanos por viés puramente biológico (HORTA, 2015; JENKINS, 2009; SHIFMAN, 2013; TOLEDO, 2013).

O advento da internet e dos sites de redes sociais impulsionou a propagação de conceitos e ideias, provando-se um terreno fértil para os memes. O termo meme se popularizou entre os usuários da internet, sendo utilizado para designar certos tipos de imagens/publicações propagadas online e de rápida popularização (KNOBEL & LANKSHEAR, 2006). Uma consulta à ferramenta Google Trends, demonstra que as buscas pelo termo “meme” têm um considerável aumento a partir de 2011.



Imagem 1 – Gráfico demonstrando a quantidade de pesquisas realizadas utilizando o termo “meme” no buscador digital Google ao longo dos anos (Créditos: Google Trends).

Não há consenso sobre o momento exato em que o termo meme foi absorvido pelos usuários da rede mundial de computadores, e deu origem ao “meme de internet”. O escritor Cole Stryker relata em seu livro “Epic Win for Anonymous: How 4chan's Army Conquered the Web” (2011), que um dos primeiros registros de uso do conceito de meme

para definir os conteúdos “virais” propagados por meio da internet, foi em um festival organizado pelo grupo de pesquisa Contagious Media. Segundo um relato apresentado no livro:

“Jonah Peretti organizou um *Contagious Media Festival* que estava basicamente perguntando ‘qual é a ciência e a cultura por detrás da viralidade na internet’, quando começamos a coletivamente trabalhar em uma conexão entre mídia viral e a velha teoria de Dawkins, e a palavra meme se tornou o termo chave para descrever conteúdo viral”⁴ (STRYKER, 2011, p. 21).

Contudo, procurar delimitar o ponto exato do início do uso da palavra “meme” na internet, no contexto do presente trabalho é um esforço desnecessário e que vai contra a raiz da reprodução memética, baseada na sua reprodução e absorção pelos grupos de indivíduos. Acaba que o próprio conceito de meme na internet já é um meme por si só (KNOBEL & LANKSHEAR, 2006, p. 202). Todavia, o meme de internet possui características e peculiaridades que distanciam sua compreensão do campo da memética.

Uma das críticas aos estudos de memes tem relação com a vaga definição de seu objeto de estudo. Tanto Dawkins quanto Blackmore utilizam o termo “meme” para um conceito abstrato, e que se tornou ainda mais complexo em suas manifestações na rede mundial de computadores. Surge assim, a necessidade de estudar e explorar as propriedades de um meme de internet, foco da pesquisadora Limor Shifman em seu livro “*Memes in Digital Culture*” (2013).

Para Shifman, os memes possuem três características-chave que facilitaram o seu sucesso na internet e na cultura digital. A primeira, é que eles se propagam gradualmente, de pessoa para pessoa, até crescer em um fenômeno social compartilhado. Essa característica é “altamente compatível com a maneira com que a cultura é formada na Web 2.0, marcada por plataformas para criação e troca de conteúdos gerados pelos usuários”⁵ e simbolizada pelo ato de compartilhar, que tem ganhado cada vez mais importância nas suas dinâmicas de uso (SHIFMAN, 2013, posição 253). A segunda característica-chave é a reprodução através de várias formas de reinterpretação ou imitação. Mesmo com a possibilidade de apenas compartilhar o conteúdo memético, muitos usuários escolhem por

⁴ Tradução própria. Original: “Jonah Peretti put together a *Contagious Media Festival* that was basically asking, “*What is the science and culture behind the viral Internet?*” As we collectively started taking the work of connecting viral media and connecting it back to the older theory of Dawkins, the word meme became the go-to term to describe viral content”.

⁵ Tradução própria. Original: “This attribute is highly compatible to the way culture is formed in the Web 2.0 era, which is marked by platforms for creating and exchanging user-generated content”.

criarem suas próprias versões, utilizando técnicas como o remix⁶ e a imitação/paródia (SHIFMAN, 2013, p. 266). Por fim, a terceira característica-chave estaria relacionada ao processo de competição e seleção pelos quais os memes passam no momento de se reproduzirem. Com a popularização de métricas para análise de audiência online e mensurar o desempenho dos conteúdos publicados, além de perceber as preferências do público, se tornou possível quantificar o alastramento de um conteúdo, e por consequência, dos memes que ele possa carregar.

Em uma tentativa de adaptar o conceito original de meme ao contexto virtual, além de escapar do determinismo biológico presente nas postulações de Dawkins (1976) e Blackmore (2000), Shifman (2013) apresenta a sua própria definição para o conceito de meme de internet:

“(a) um grupo de itens digitais compartilhando características de conteúdo, forma e/ou postura em comum, (b) e que foram criados cientes uns dos outros, (c) e são circulados, imitados, e/ou transformados por meio da internet por diversos usuários”⁷ (SHIFMAN, 2013, p. 455).

Em sua definição, Shifman destaca três dimensões meméticas, que seriam aspectos de itens culturais que as pessoas podem imitar: o conteúdo, que se refere às ideias e ideologias presentes na mensagem; a forma, que seria a encarnação física da mensagem; e a postura, que é a forma com que o autor do meme se posta em relação ao meme, os códigos linguísticos que ele possa ou não conter e os demais indivíduos. A autora também propõe a distinção entre memes e virais. A viralidade seria uma forma de propagação de conteúdos. Enquanto um viral, usualmente é um único conteúdo cultural que se propaga em diversas cópias, os memes de internet são sempre uma coleção de conteúdos, pelo fato da replicação estar numa das bases do meme. Contudo, é comum que um meme se origine a partir de um viral: após um grande número de indivíduos entrarem em contato com um determinado conteúdo, surge em alguns o ímpeto de modificar e criar suas próprias versões (SHIFMAN, 2013).

⁶ Aqui, o termo *remix* é utilizado no seu contexto de significar a alteração de uma imagem, por meio de ferramentas digitais, como a adição e/ou remoção de elementos que compõem a imagem.

⁷ Tradução própria. Original: “(a) a group of digital items sharing common characteristics of content, form, and/or stance, which (b) were created with awareness of each other, and (c) were circulated, imitated, and/or transformed via the Internet by many users”. Nota do tradutor: a palavra “stance” pode possuir tanto o sentido de “posição” quanto de “postura”. Devido ao contexto em que a autora emprega o termo, para referir-se à forma com que o emissor se coloca, achei mais conveniente utilizar “postura” como tradução, para aproximar o conceito de uma lógica discursiva.

Outra abordagem no conceito de memes de internet é oferecida pela pesquisadora Raquel Recuero. Em seu livro “Redes Sociais na Internet” (2009), ela trabalha a partir do conceito de memes posto por Dawkins e Blackmore, e busca relacionar os memes de internet ao capital social, um valor constituído entre os atores de uma rede social, a partir de suas interações. Os memes estariam relacionados a dois tipos de capital social:

“o relacional, que é voltado para os memes cujo valor está na sociabilidade da rede que o difunde, na complexificação dos laços sociais e, mesmo, na ampliação da própria rede; e o cognitivo, que é relacionado ao valor da informação do que circula nessa rede” (BERTOLINI E BRAVO apud RECUERO, 2009, p. 133).

O capital social relacional seria composto pela soma das relações e das trocas que conectam os usuários em uma determinada rede social. Já o capital social cognitivo seria a soma do conhecimento e das informações colocadas em comum entre os membros de um determinado grupo de uma rede social (RECUERO, 2009, p. 51).

A Arqueologia de Mídia e o Conceito De Topos

Apesar de ter ganhado massiva popularidade na internet, o conceito de meme não é o único que tenta englobar a questão das ideias que se repetem e evoluem ao longo do tempo. Alguns pesquisadores do campo da arqueologia de mídia, como Erkki Huhtamo e Jussi Parika, trazem a tona outra compreensão possível, a partir de um campo de estudo que, assim como a memética, também é anterior à internet: o estudo de *topos*. Inicialmente um elemento do campo de estudos da Retórica Clássica, o topos (*topoi*, no plural) inicialmente denotariam “lugares-comuns” em que o orador iria a fim de encontrar argumentos ou fórmulas sistematizadas de raciocínio na composição de argumentações, apesar de haverem diferentes interpretações para o termo por parte dos estudiosos da área (WETHERBEE, 2015; HUHTAMO & PARIKKA, 2011).

Foi o estudioso Ernst Robert Curtius quem se apropriou do conceito e o trouxe para o campo dos estudos literários, por volta dos anos 30. Ele definiu os *topoi* como temas intelectuais, “clichês que podem ser utilizados em qualquer forma de literatura” (CURTIUS apud HUHTAMO & PARIKKA, 2011, p. 31). O topos seria algo que é exaustivamente utilizado, uma fórmula estereotipada evocada em diferentes segmentos e por diferentes propósitos. Contudo, assim como o meme de Dawkins, o topos de Curtius foi criticado por ser considerado vaga, já que pode se referir tanto ao conteúdo quanto à sua forma e organização (HUHTAMO & PARIKKA, 2011). Outra problemática envolvendo a proposição de Curtius foi sua negação quanto à possibilidade da existência de *topoi* nas artes visuais, com o autor focando seus estudos no campo da literatura.

Bem posteriormente, Huhtamo e Parikka, junto a outros pesquisadores, adaptam a ideia de topos para que seja utilizada no estudo de imagens. Para tal, assim como Shifman adequou o conceito de memes para seu uso na internet, Huhtamo coloca algumas condições na compreensão de topos para que eles possam ser utilizados no estudo da cultura de mídia:

- “1. Topoi são criados, transmitidos e modificados por agentes culturais operando em circunstâncias históricas específicas; [...].
2. Topoi não são limitados a tradições literárias: existem muitos tipos de topoi e incluindo visuais, e eles também podem se manifestar como designs, maquinário ou interface de usuário.
3. Topoi passam por transformações que afetam tanto sua forma quanto sua ideia; um topos pode mudar de um meio para outro.
4. Topoi devem ser analisados não apenas internamente pela tradição de topos, mas também externamente em relação aos contextos culturais em que aparecem.
5. Nem todos os topoi vêm da antiguidade; [...].
6. Topoi devem ser estudados como sintomas tanto de continuidades quanto de rupturas culturais”⁸ (HUHTAMO & PARIKKA, 2011, p. 34).

Assim como os memes encontraram terreno fértil na internet, o ciberespaço também é um terreno ao mesmo tempo gerador e disseminador de topoi, com um fluxo intenso de topoi (HUHTAMO, 2015). No contexto colaborativo da Web 2.0, a transmissão de topoi está “se tornando viral, livremente explorada por agentes industriais, mas também criados e modificados pelos próprios usuários” (HUHTAMO & PARIKKA, 2011, p. 40). Contudo, é preciso pensar o estudo de mídia e de seus topoi como um campo além dos avanços tecnológicos, percebendo os diversos fatores que interferem em sua criação e disseminação. Até por que, as próprias novidades tecnológicas podem, propositalmente ou não, estar relacionadas com dispositivos já anteriormente colocados em prática (HUHTAMO, 2014). Assim, a própria tecnologia também seria detentora de alguns topoi que reaparecem no decorrer dos anos.

Tanto o topos quanto o meme, são conceitos que designam ideias que se repetem. Alguns trabalhos se propõem a problematizar essa relação (WETHERBEE, 2015; HUHTAMO 2015). Um ponto chave que diferencia ambos os conceitos, além de seus campos de origem, é a importância de modificação. Enquanto a variabilidade seria uma condição vital na reprodução e sobrevivência do meme, no estudo do topos a mutação é uma característica que não ganha tanto enfoque. Em ambos os temas, as razões que levam a

⁸ Tradução do autor. Original: “1. Topoi are created, transmitted, and modified by cultural agents operating in historically specific circumstances; [...]. 2. Topoi are not limited to literary traditions: there are many kinds of topoi, including visual ones, and topoi can also manifest themselves as designs, such as machinery or a user interface. 3. Topoi undergo transformations that affect both their form and their idea; a topos can shift from one medium (carrier) to another. 4. Topoi should be analyzed not only internally within a topos tradition but also externally through relation to the cultural contexts within which they appear. 5. Not all topoi date from antiquity; [...]. 6. Topoi should be researched as symptoms of both cultural continuities and ruptures”.

seu reaparecimento/disseminação é um campo rico a ser estudado pelos pesquisadores. Contudo, apesar de suas semelhanças, não se deve tratar memes e topoi como sinônimos.

No campo dos estudos de imagem, outros pesquisadores também se debruçaram sobre a questão das repetições e possíveis relações existentes entre imagens. Em seu ensaio “Doutrina das semelhanças”, Walter Benjamin explora a aptidão humana de construir e ler semelhanças. Segundo o autor, essa seria uma faculdade inata e exclusiva ao ser humano, que também é possuidor de capacidade mimética (diferente de imitar). Tal capacidade se manifesta, por exemplo, numa brincadeira de criança: a criança quando brinca não finge ser o moinho de vento, ela é um moinho de vento (BENJAMIN, 1985, p.110).

Tanto Benjamin, quanto Dawkins, tentaram, utilizando de áreas diferentes do conhecimento, analisar o mesmo fenômeno: a capacidade humana de ler e criar imitações. Enquanto Dawkins propôs uma análise voltada ao objeto, no caso os memes (ideias miméticas, que são propagadas de um indivíduo a outro); Benjamin faz uma análise do sujeito, o ser humano, e da forma com que ele percebe as semelhanças existentes no mundo, enquanto cria novas através do processo de mimese. Um contraponto interessante entre as teorias propostas por ambos autores é a questão da autonomia dos memes. Enquanto Dawkins e Blackmore os concebem como replicadores que atuam de maneira independente e egoísta, Benjamin compreende que para que existam semelhanças, é preciso um indivíduo dotado da capacidade de ler semelhanças.

Benjamin defende a importância da capacidade humana de ler semelhanças, que estaria perdendo espaço na vida do homem moderno. Ele exemplifica a relação do ser humano com a capacidade mimética utilizando a astrologia como exemplo: era preciso ler o céu em busca de semelhanças para encontrar respostas e/ou previsões. Enquanto o astrólogo é interpretativo, o astrônomo é lógico e prático, assim, ambos nunca conseguiriam ler o céu da mesma forma (BENJAMIN, 1985). Traçando uma relação entre os estudos de memes e topoi, poderíamos comparar a leitura feita pelo astrólogo com a leitura dos topoi, e a realizada pelo astrônomo com a análise dos memes. Ambas produzem resultados diferentes, mas que podem (e devem) dialogar em nome do conhecimento. Havia em Benjamin uma preocupação em enxergar o oculto presente nas imagens. Além dos já citados, outro pesquisador se propôs a elucidar as repetições temáticas, e semelhanças presentes em imagens e obras de arte: Aby Warburg, com seu projeto de Atlas Mnemosyne.

Aby Warburg e o Atlas Mnemosyne

Filho primogênito em uma família de banqueiros, aos 13 anos de idade, fez um acordo com o irmão mais novo, de que lhe cederia os direitos de mais velho, em troca de que o irmão lhe comprasse todos os livros que desejasse (AGAMBEN, 2015). Depois desse episódio, já na vida adulta, Warburg tornou-se dono de uma biblioteca que contava com cerca de 60 mil volumes na época de sua morte (MICHAUD, 2013). Em 1924 Warburg iniciou o empreendimento do seu atlas, que não estaria finalizado dali a quatro anos, quando faleceu. O atlas consistia de grandes painéis compostos por um tecido preto, com várias imagens expostas nos painéis, seu tamanho e posicionamento seguindo uma lógica definida pelo próprio Warburg. Ele acreditava que a justaposição e sequência dessas imagens poderiam produzir percepções imediatas (JOHNSON, 2013). A constituição de um arquivo para salvaguardar as imagens se tornou uma atividade primordial para Warburg após conversas com etnólogos e antropólogos, durante uma de suas viagens (MICHAUD, 2013, p. 38).



Imagem 2 – Painéis 19, 45 e 46 do Atlas Mnemosyne (Créditos: Warburg Library)

Definido pelo próprio Warburg como “histórias de fantasmas para gente grande”, o Mnemosyne fundou “uma iconologia dos intervalos, que já não se refere a objetos, mas a tensões, analogias, contrastes ou contradições” (MICHAUD, 2013, p. 240). Os painéis do Mnemosyne não eram feitos para serem observados, mas fotografados e compreendidos como algo novo (MICHAUD, 2013), o que no presente evoca uma relação com as visualizações de dados. Essa relação parece ainda mais acertada pelo fato de Warburg ter admitido postular sobre campos de conhecimento que ainda estavam para ser descobertos

e/ou desenvolvidos (AGAMBEN, 2015). Warburg também defendia um estudo da obra de arte além da perspectiva limitante de analisar apenas o teor estético da imagem, era preciso compreender os contextos étnicos, culturais, biológicos e todos os outros fatores que interferiam na imagem (AGAMBEN, 2015; MICHAUD, 2013).

Uma temporada internado em clínicas psiquiátricas (de 1918 a 1924), devido a transtornos mentais decorridos da segunda guerra, e uma viagem de cunho etnográfico realizada no Novo México, para estudar as culturas indígenas da região, foram fatores que também influenciaram a composição do Atlas (MICHAUD, 2013). A organização das imagens buscava um *pathosformel*, uma fórmula do *pathos*, “as fórmulas expressivas que traduziam, em gestos e configurações faciais, os mais variados sentimentos e emoções” (FELINTO, 2015). Podemos aproximar essa busca pelo gesto, como uma forma de ler semelhança entre as obras de arte, e até mesmo a busca de um topos. Para além das imagens, a organização da Mnemosyne buscava trabalhar com as diferenças, com seus intervalos (MICHAUD, 2013). Além da imagem, importa no Atlas observar e analisar os intervalos, aquilo que as separa: suas rupturas.

“as lacunas nos arquivos convidam a conjugar a história no ‘futuro do pretérito’. Estes vazios não falam do que foi, balbuciam o que poderia ter sido. Na mesma medida em que toda ação humana recorre à experiência pregressa e antecipa o futuro, todo arquivo guarda, na própria trama de seus documentos, e em cada um deles individualmente, os traços do que foi e do que seria” (LISSOVSKY, 2009, p. 121).

Considerações Finais

Como pode-se perceber, o estudo de ideias que se multiplicam e se repetem em imagens, é um tópico que transpassou as divagações de vários pensadores ao longo dos anos. Esse tema por si só, já poderia ser considerado um meme ou topos. É interessante notar também as múltiplas áreas do conhecimento que se propõe a divagar sobre esse conceito. Certo destaque tem sido dado ultimamente ao conceito de meme, principalmente devido à sua adoção por parte dos usuários de internet. Esse conceito, devido à sua forte relação com a ideia de mutabilidade e metamorfose de sua forma durante a propagação, parece ter mais proximidade com a alta volatilidades com que as mídias circulam em ambientes virtuais. Mas, não se deve negar possíveis contribuições do topos, por sua presença em outros meios midiáticos e narrativos.

Já o Atlas Mnemosyne, pode ser visto como uma tentativa visual de perceber as repetições e semelhanças, evocando até mesmo a métodos atuais, como o campo da visualização de Big Data. Se o *pathosformel* de Warburg foi uma tentativa de encontrar as semelhanças entre as formas expressivas do corpo, na atualidade, uma época em que a

realidade virtual está cada vez mais ligada a nossa representação (COUCHOT, 2003), o estudo de visualizações de grandes volumes de dados é uma forma de buscar as repetições expressivas dos usuários

É muito arriscado e prepotente tentar afirmar quais dessas teorias estejam mais ou menos “corretas”. Todas possuem suas peculiaridades, tanto dos pontos de vista dos autores quanto devido a seus campos de estudo. O conceito de topos, apesar de maior presença nos estudos literários, pode ser muito frutífero se utilizados em diálogo com estudos da comunicação. Já o conceito de meme, em uma época com grande produção, troca e consumo de imagens, pode ser peça fundamental para compreender a difusão de certos conteúdos em sites de redes sociais.

A leitura das semelhanças seria uma forma de encontrar algo que estaria além da imagem. A busca da semelhança, poderia ser vista como uma forma de procurar um elo que nos acorrenta a um “Mundo das Ideias” platônico. Seja a investigação do meme ou do topos, encontrar relações de semelhanças e repetição parece ser uma tentativa de regressar a uma “origem”, um *Illud tempus*, o ato fundador original, e que pode ser ressuscitado a cada momento de uma sociedade da qual é referencial (THOMAS apud BARROS, 2010).

Referências

- LISSOVSKY, M. “Viagem ao país das imagens”. In: FURTADO, Beatriz (org). **Imagem Contemporânea (v. 1)**. São Paulo: Hedra, 2009, p. 121-143 - LISSOVSKY, 2009.
- DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- SHIFMAN, Limor. **Memes In Digital Culture**. Cambridge: MIT Press, 2013.
- HORTA, N. B. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**. 2015. Brasília. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18420/1/2015_NataliaBotelhoHorta.pdf>
- TOLEDO, G. L. **Uma crítica à memética de Susan Blackmore**. Curitiba: Revista Filosofia Aurora, v. 25, n. 36, p. 179-195, jan./jun. 2013.
- JENKINS, H.; LI, X.; KRAUSKOPF, A. D.; GREEN, J. **If it doesn't spread, it's dead**. S.L.: Convergence Culture Consortium e MIT, 2009.
- KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. **Online Memes, Affinities, and Cultural Production**. In: A new literacies sampler. Nova York: Peter Lang, 2007, p. 199 – 227.
- STRYKER, C. **Epic Win for Anonymous: How 4chan's Army Conquered the Web**. Nova York: Overlook, 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009.

WETHERBEE, B. **Picking up the fragments of the 2012 election**: Memes, Topoi and Political Rhetoric. *Present Tense: A Journal for Rhetoric in Society*, v. 5, n. 1, 2015.

HUHTAMO, E.; PARIKKA, E. **Dismantling The Fairy Engine**: Media Archaeology as Topos Study. In: *Media Archaeology: Approaches, Applications, and Implications*. California: University of California Press, 2011.

HUHTAMO, E. **Obscured By The Cloud**: Media Archaeology, Topos Study, And The Internet. Dubai: ISEA, 2015.

HUHTAMO, E. **Art in the Rear-View Mirror**. in: *A Companion to Digital Art* (ed C. Paul), John Wiley & Sons, Inc, Hoboken, NJ. 2014.

BENJAMIN, Walter. **Magia e tecnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MICHAUD, Philippe-Alain. **Aby Warburg e a imagem em movimento**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, Museu de Arte do Rio, 2013.

AGAMBEN, G. **Aby Warbur e a Ciência sem nome**. In: *A POTENCIA DO PENSAMENTO: ENSAIOS E CONFERENCIAS*. Rio de Janeiro: Autêntica, 2015.

JOHNSON, C. D. **About the Mnemosyne Atlas**. Disponível em: <<http://warburg.library.cornell.edu/about>>. Acesso em: 12/07/2016.

COUCHOT, Edmond. **A tecnologia na arte**: da fotografia à realidade virtual. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

FELINTO, E. **Flusser e Warburg**: Gesto, Imagem, Comunicação. Rio de Janeiro: Revista Eco-Pós, v. 19, n. 1, 2016.

BARROS, A. T. M. P. **Comunicação e imaginário** – uma proposta mitológica. São Paulo: Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v.33, n.2, p. 125-143, 2010.